

Castells, Manuel, Fernández-Ardèvol, Mireia, Qiu, Jack Linchuan & Sey, Ara (eds.) (2009) *Comunicação Móvel e Sociedade. Uma Perspectiva Global*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 393 pp.

Vitor de Sousa*

As redes sem fios são as que tiveram o crescimento mais rápido da história das comunicações. A disseminação global dos telefones móveis é a face visível desse crescimento. Mas será que os telefones móveis são expressões de identidade, dispositivos de moda ou congregam ambos os aspectos? A estas perguntas dão-se pistas para respostas no livro “Comunicação Móvel e Sociedade. Uma Perspectiva Global”, edição portuguesa de um livro inicialmente publicado em 2006.

Manuel Castells é o nome mais conhecido da equipa de estudiosos que direccionou a sua investigação na tentativa de saber qual a forma de difusão desta comunicação e quais as tendências que se perspectivam, procurando explicações para questões que condicionam políticas públicas, estratégias empresariais e decisões dos indivíduos. É dada uma relevância especial à profunda ligação entre a comunicação sem fios e a ascensão de uma cultura jovem, numa investigação que durou mais de dois anos e que se estendeu por três continentes. Pretendeu-se saber como é que a possibilidade de a comunicação multimodal — de qualquer lugar para qualquer lugar a qualquer momento -, afecta a vida diária ao nível global e local, se existe homogeneidade ou diferenças à escala mundial, de que maneira está a ser usada, que mudanças implica no conceito do tempo e do espaço, e como está a provocar transformações da linguagem pelo uso do *texting*¹.

Já em 1998 Derrick de Kerckhove sublinhava que a “connectedness” (a ligação mental entre pessoas) era, a par da interactividade e da hipertextualidade, uma das condições fundamentais “para a nova ecologia de redes e os novos hábitos cognitivos sociais e pessoais que a mantêm” (Kerckhove, 1998:29). Se bem que, na altura, as redes móveis estivessem longe do desenvolvimento actual, o autor falava na mudança de escala que permitia ter um acesso directo ao Mundo, pelo que seria de esperar “que um novo tipo de sensibilidade conectiva, uma nova psicologia” (*idem, ibidem*, p. 35), pudesse emergir.

Para quem pretende ficar a par de alguns indicadores sobre o caminho provável da sociedade de consumo e da comunicação, este livro proporciona algumas refle-

* Mestrando em Ciências da Comunicação — Informação e Jornalismo (Universidade do Minho) — vitordesousa@gmail.com

¹ Ver «Text Messaging Abbreviations, Part I: ‘Guide to Understanding Online Chat Acronyms & Smiley Faces’» [http://www.webopedia.com/quick_ref/textmessageabbreviations.asp, acessido em 2/11/09].

xões assentes em vários estudos empíricos. No primeiro capítulo é traçado o panorama da “Difusão Mundial da Comunicação Móvel” (pp. 1-46), em que se verificou, à escala global, uma expansão extraordinária das comunicações móveis, em particular dos telemóveis, tendo-se que observar, no entanto, que a adopção desta tecnologia é influenciada por vários motivos, nas diferentes economias, e que as novas lógicas têm impactos sociais e culturais.

O serviço telefónico móvel registou taxas de difusão diferenciadas nas várias regiões do mundo, embora seja necessário fazer a distinção entre o crescimento de assinantes (número de assinantes) e as taxas de penetração (número de assinantes de serviço telefónico móvel por cada 100 habitantes). “Da totalidade de assinantes, 41 por cento estavam na Ásia-Pacífico, 32 por cento na Europa; 21 por cento nas Américas, 4 por cento em África e um por cento na Oceânia” (p. 4). Em 2004, em termos de penetração do telemóvel, a Europa liderava com 71,5 por cento, seguida pela América do Norte, com 66 por cento.

Em relação às taxas de penetração, a América do Norte registou, em 1992, os índices mais elevados. Nove anos mais tarde, a Europa atingiu a liderança, em resultado de um grande crescimento verificado entre 1997 e 2000. Na América Latina, a taxa de penetração foi de 62 por cento no Chile, 36 no Brasil e 0,7 em Cuba. Em África os números variam entre o menos um por cento e os 60 por cento.

A maior parte de África, da Ásia-Pacífico e da América do Sul “ainda se encontram nas primeiras fases de adopção tecnológica, apresentando taxas de penetração até dez vezes inferiores às registadas nas regiões desenvolvidas” (p. 6). O Brasil é considerado uma excepção na América-Latina, já que é o sexto maior mercado mundial de telemóveis, sendo o serviço móvel considerado “um importante contributo para a teledensidade” (p. 14), embora a pobreza “tenha constituído uma significativa barreira ao crescimento e à manutenção das telecomunicações fixas” (p. 14). Entre 1994 e 2004, os telemóveis cresceram 8 mil por cento, sendo o fenómeno mais visível nas áreas urbanas.

Em África, devido ao facto de as redes de telecomunicações móveis terem um desenvolvimento relativamente recente, o crescimento tem sido grande, sendo que “a maior parte dos assinantes de linhas telefónicas corresponde a assinantes de linhas de telemóvel (74,6 por cento)” (p. 23). Apesar dos níveis elevados de assinaturas de telemóveis, “a penetração global dos serviços de telecomunicações é baixa em África” (p. 24), registando todo o continente, um índice de nove aparelhos por cada 100 habitantes, verificando-se, ainda, diferenças acentuadas na teledensidade entre os países e no interior de cada país.

A “Diferenciação social dos utilizadores da comunicação móvel: idade, género, etnicidade e estatuto socioeconómico” é feita no segundo capítulo (pp. 48-96), em que se destaca o facto de o serviço telefónico móvel ter aberto o acesso à comunicação, com vantagens evidentes para as minorias étnicas em diferentes países, bem como para populações imigrantes e deslocadas. Faz-se notar que a tecnologia, tal como é praticada define a sociedade e, simultaneamente, incorpora-a, seguindo caminhos dife-

renciados na difusão e uso segundo a idade, o género, a etnicidade, a raça e a cultura, sendo apropriada pelos indivíduos de acordo com os seus valores e necessidades.

No terceiro capítulo traça-se a “Comunicação e mobilidade na vida quotidiana” (pp. 97-162) em que se concluiu, com base nos dados analisados, que a comunicação móvel é, à escala global, um meio de comunicação invasivo, mediando a prática social em todas as esferas da vida humana. Exemplificando, as tecnologias de comunicações permitem, materialmente, que a família pós-patriarcal possa sobreviver como uma rede de pessoas íntimas, nas suas necessidades simultâneas de autonomia e de apoio e suporte recíprocos.

A existência de uma “cultura jovem”, estudada no quarto capítulo do livro (pp. 163-218), intitulado “A Cultura Jovem Móvel”, aquela a que é dedicada mais atenção, e que disponibiliza indicadores sobre toda a nova lógica decorrente dos utilizadores nativos das novas tecnologias, parece confirmar o prognóstico de Kerckhove (1998) atrás referido. Os autores começam mesmo por definir o conceito de “cultura jovem”: “O sistema específico de valores e crenças que informa o comportamento de um determinado grupo etário, de modo que este apresenta características distintivas de outros grupos etários” (p. 163) e delimitam-na no contexto da sociedade em rede, que tem um papel estruturante e para cuja compreensão recomendam um vasto rol de leituras.

Grande parte da investigação existente sobre a cultura jovem móvel concentra-se na Europa. A difusão da comunicação móvel nos anos 1990 foi quase exponencial e o facto de ter sido adoptada pelos jovens pode ser explicada por uma combinação de factores, em que se incluem “a abertura dos jovens às novas tecnologias e a sua capacidade de apropriação e uso da tecnologia para os seus objectivos específicos” (p. 164).

Os telemóveis tornaram-se, também, num símbolo de reconhecimento entre pares e, para além disso, têm uma particularidade relacionada com a ergonomia e a idade, sendo que os idosos têm mais dificuldade em manusear os aparelhos, o que se traduz num “hiato geracional” (p. 165). Rapidamente também se tornaram numa parte integrante do quotidiano, sendo que hoje é difícil a concepção do mundo sem eles. Para além de permitirem telefonar, também servem para várias outras actividades, numa lógica de ambiente digital em que se realizam vários tipos de tarefas em simultâneo (*multitasking*), e em que a fronteira entre produtores e consumidores está cada vez mais esbatida.

Baseando-se em dados recolhidos em diferentes partes do mundo (Portugal ficou de fora desta análise), os autores tentaram identificar a especificidade de cada contexto, mas também encontrar tendências comuns e similaridades através das culturas que reivindicam a singularidade da comunicação sem fios enquanto processo sociotécnico. Esta tensão entre o local e o global, o cultural e o tecnológico está presente ao longo do livro, de que o capítulo em análise não é excepção. Para cada tema houve circulação entre a Europa, o Japão, os Estados Unidos, África e América Latina, com leituras assentes em estudos qualitativos e quantitativos, utilizadas para elaborar e reforçar os argumentos que os autores apresentaram.

Os japoneses lideram os índices de utilização de telemóvel em várias categorias, como por exemplo o uso da Internet. Um dado que este estudo justifica com a miniaturização pela ausência de espaço físico e a avassaladora conquista da difusão da Internet via *wireless*. Ao contrário, a alta penetração de Internet através do computador pessoal nos EUA, parece justificar o pouco interesse pela Internet móvel.

A Europa segue à frente no sector da difusão, sendo avançado como explicação o facto de, desde o início do desenvolvimento da tecnologia móvel, ter sido adoptado o GSM. Como consequência, “os jovens adolescentes e os jovens adultos não só constituem a maior proporção de utilizadores como também de adoptantes iniciais, inventando usos que não tinham sido previstos pelos *designers* que inicialmente conceberam a tecnologia” (pp. 165-166).

Ao invés, “a indústria norte-americana de comunicação sem fios só muito recentemente começou a orientar-se para o mercado jovem” (p. 172), pelo que este ainda não é crítico para o mercado americano da comunicação sem fios. A tendência é a mesma que se verifica na Europa e noutras partes do mundo: “os adolescentes e os jovens adultos estão a incorporar a tecnologia de comunicação sem fios nas suas vidas quotidianas” (p. 173).

Na América-Latina, embora os dados sejam muito escassos, sabe-se, por exemplo, que as receitas das operadoras com a difusão de *sms* foram doze vezes superiores em 2003 face a 2000 (as receitas foram 12 vezes superiores em 2003 face a 2000). Os países que contribuíram mais para as receitas foram o México (29,5 por cento do total de 587 milhões de dólares americanos), o Brasil (25,6 por cento) e a Venezuela (20,9 por cento) (p. 176); “entre os jovens inquiridos, o sistema pré-pago é o mais popular, com 93 por cento da totalidade de assinaturas” (p. 177).

Em África, a natureza e a distribuição do telemóvel também está pouco documentada, embora se saiba que quem os usa mais sejam os jovens adultos, especialmente no grupo etário dos 20-35 anos. Não obstante da falta de dados empíricos, os autores referem que é possível estabelecer deduções sobre possíveis tendências, “baseando-se no que é observável na população em geral”: “a comunicação móvel é ainda inalcançável para a maioria dos jovens, os quais, ou frequentam a escola, ou estão desempregados” (p. 178).

Na região Ásia-Pacífico é seguida a tendência que se verifica no resto do mundo, com o enfoque a ser direccionado para o consumismo, destacando-se as Filipinas na utilização do serviço de *sms* que faz com que o país seja conhecido como “a capital mundial das mensagens escritas” (p. 180).

Em síntese, constata-se que está a emergir uma cultura jovem por toda a Europa, Américas e Ásia-Pacífico e por todo o mundo os jovens mostraram rapidez na adopção e apropriação de tecnologias móveis, utilizando a tecnologia para todo o tipo de finalidades. Como resultado, “transformaram-se num importante grupo social, que está constantemente conectado em rede através das comunicações móveis” (p. 215).

Sugere-se a existência de padrões emergentes de uso global ao longo das linhas de consumo, entretenimento, sociabilidade e comunidade. Igualmente interessante,

é o facto de se argumentar que o telemóvel “não leva ao enfraquecimento da relação de dependência entre os jovens e as instituições sociais tradicionais, especialmente a família” (p. 216).

A cultura jovem móvel é uma cultura tipicamente em rede, tendo na base, frequentemente, os grupos de pares formados na escola ou na comunidade. A popularização do telemóvel reforça e amplia as redes de jovens já existentes e eleva-as a um nível mais alto da sociabilidade “onde a interacção face-a-face é equivalente à comunicação através do telemóvel e onde se forma uma ‘comunicação íntima a tempo inteiro’” (p. 216).

O telemóvel é visto como um aparelho central na construção da identidade individual dos jovens e é a partir da cultura jovem móvel que emerge uma nova identidade colectiva, com relevância global reflectindo-se na linguagem partilhada (*sms*), que é um indicador proeminente da cultura observada. “Esta identidade colectiva não anula a identidade individual, pelo contrário, afirma-a” (p. 217). São disso exemplos a denominada “geração *txt*” nas Filipinas ou os grupos de jovens do movimento antiglobalização, que podem constituir-se como motores de mudanças sociais.

Paralelamente observam-se algumas variáveis na formação da cultura jovem móvel, ao comparar a Europa, os Estados Unidos e a Ásia-Pacífico: a posição dos jovens no mercado dos telemóveis e o seu poder de compra. Um indicador que carece de uma maior investigação é saber até que ponto as culturas e subculturas jovens existentes nas diferentes sociedades estão a modelar a cultura jovem móvel. Os autores defendem a existência de uma clara correspondência entre o surgimento de uma cultura jovem global, a interacção das relações sociais em rede e a conectividade potencial proporcionada pelas tecnologias de comunicação móveis, sendo que “os três processos reforçam-se mutuamente” (p. 218).

O livro trata outras temáticas, como “O espaço de fluxos, o tempo atemporal e as redes móveis”, título do capítulo 5 (pp. 219- 228) e “A linguagem da comunicação móvel”, capítulo 6 (pp. 229-236). O capítulo 7 versa sobre “A sociedade civil móvel: movimentos sociais, poder político e redes de comunicação” (pp. 237-274), sendo que o oitavo capítulo, aborda a “Comunicação móvel e desenvolvimento global: novas questões, novas estratégias” (pp. 275-316), em que se referem os casos do Uganda, da África do Sul e do Gana em que existe o sistema de telemóvel público. É, também, feita uma referência à “Internet wi-fi para o desenvolvimento”, nomeadamente no que respeita à América-Latina, destacando-se o facto de, embora este tipo de comunicação não ser “uma panaceia para o desenvolvimento”, se observar que “projectos de desenvolvimento, de todos os cantos do planeta, estão a abraçar o potencial das novas tecnologias e estão a utilizá-lo para os seus próprios fins” (p. 315). Não sendo, por isso, de estranhar que tenha havido um aumento dos serviços de telecomunicações nas áreas rurais da América-Latina (Brasil, Chile, Colômbia e Peru), em serviços essencialmente assentes na tecnologia VSAT (*very small aperture terminal*), “que utilizam software livre de código-fonte aberto e equipamento informático acessível em termos de custos” (p. 312).

O livro termina com uma conclusão subordinada ao tema “A sociedade em rede móvel” (pp. 317-334), em que se faz notar que a comunicação móvel expande e reforça a plataforma tecnológica da sociedade em rede e que as tecnologias de comunicação sem fios ampliam a lógica em rede da organização e da prática social, em qualquer lugar e em todos os contextos, com a única condição de se fazer parte da rede móvel. Não obstante a diversidade de uso da tecnologia decorrente de diferentes contextos culturais e institucionais, “a tecnologia de comunicação sem fios tem poderosos efeitos sociais ao generalizar e aprofundar a lógica em rede, que define a experiência humana na actualidade” (p. 334).

Pese embora a escassez de dados em relação a algumas áreas geográficas estudadas, os autores foram capazes de sustentar o conceito de “cultura jovem móvel”. Os cruzamentos de tendências permitem uma compreensão alargada do tema e podem servir de ponto de partida para outras investigações. Aos leitores não são dadas respostas definitivas em relação ao futuro, mas enfatiza-se que a tecnologia de comunicação móvel tem poder para que a lógica das redes de relacionamento seja assente na ubiquidade. Trata-se de um estudo longe de estar completo, disso nos dando conta os próprios autores, nomeadamente no que respeita à necessidade de uma comparação mais sustentada de diferentes países e contextos no quadro do denominado “salto tecnológico”, partindo da ideia de que a conectividade constitui uma condição *sine qua non* para o desenvolvimento do mundo globalizado. É por isso que se evidencia que a “sociedade em rede móvel”, dominada pela “cultura jovem móvel” não exclui os países em desenvolvimento.

Se hoje o uso da Internet nos telemóveis ainda não é muito evidente (excepção feita à realidade japonesa) “devido não só ao seu custo, que permanece relativamente alto, mas também por limitações de ordem tecnológica e relacionadas com o tipo de conteúdos”, a tendência vai para a criação de uma plataforma que concentre todas estas práticas, assente no princípio de que “no futuro teremos simplesmente tudo em rede”³.

Referências bibliográficas:

Kerckhove, D. (1998) *Inteligência Conectiva*, Lisboa: Fundação para a Divulgação das Tecnologias de Informação.

OberCom (2009) *Apropriações do Telemóvel na Sociedade em Rede* [http://www.obercom.pt/client/?newsId=548&fileName=fr5_sr_2008.pdf, acessado em 3/11/09].

Reiter, H.-E. (2009) ‘50 Billion The Future Internet’ in *The Future Internet - a connected world*, (19º Congresso da Associação Portuguesa para o Desenvolvimento das Comunicações, 18-19 de Novembro, Lisboa) [<http://tinyurl.com/ydxg3wb>, acessado em 22/11/09].

<http://www.webopedia.com>

² Informação constante de um estudo do OberCom (Julho de 2009), coordenado por Gustavo Cardoso e Rita Espanha (“Apropriações do Telemóvel na Sociedade em Rede”) [http://www.obercom.pt/client/?newsId=548&fileName=fr5_sr_2008.pdf, acessado em 3/11/09].

³ Ideia defendida por Hans-Erhard Reiter (Ericsson Telecomunicações, Lda.), durante o 19º Congresso da Associação Portuguesa para o Desenvolvimento das Comunicações (APDC), realizado nos dias 18 e 19 de Novembro de 2009, em Lisboa, durante o painel “The Future Internet - a connected world” [<http://tinyurl.com/ydxg3wb>, acessado em 22/11/09].